

IDIOMAS – o mundo em diálogo

LANGUAGES – the World in Dialogue

Doris Helena Schaun Gerber¹
Raquel Fritzen Dapper Vetromilla²
Everton Augustin³

Resumo: O artigo apresenta contribuições para o ensino e funcionamento de escolas bilíngues no Brasil. Evidencia os estudos em pedagogia e neurociências como suporte à formação escolar de crianças ao apontar para a necessidade de se revolucionar o ensino de idiomas, com destaque para a metodologia *Content and Language Integrated Learning* (CLIL) para aquisição de línguas estrangeiras. Essa metodologia possibilita que a aprendizagem de conteúdos de uma determinada área do conhecimento e o nível de proficiência linguística ocorram simultaneamente, sem comprometer a proficiência linguística na língua materna do aluno. Ações devem repercutir em favor do aperfeiçoamento do processo educacional, que carece de adequada normatização.

Palavras-chave: Ensino bilíngue. Bilinguismo. Aprendizagem de idiomas. CLIL.

Abstract: The article presents contributions to the teaching and functioning of bilingual schools in Brazil. It evidences the studies in pedagogy and neurosciences as a support to the school education of children by pointing to the need to revolutionize the teaching of languages, with emphasis on the methodology “Content and Language Integrated Learning” (CLIL) for the acquisition of foreign languages. This methodology enables the learning of contents from a certain area of knowledge and the level of linguistic proficiency to occur simultaneously, without compromising the linguistic proficiency in the student’s mother tongue. Actions should have repercussions in favor of improving the educational process which lacks adequate standards.

Keywords: Bilingual education. Bilingualism. Languages. CLIL.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Escola, como espaço coletivo de aprendizagem, é a reprodução, em mínima escala, do planeta que habitamos. Esse planeta, assim como deveria ser a escola, é pleno de excelentes oportunidades e, como educadores responsáveis, precisamos orientar as crianças que nos são confiadas, considerando seu potencial imensurável de desbravamento a partir de conhecimento construído.

Encantar-se com a beleza do mundo, numa visão local e planetária, é possível se estivermos adequadamente preparados ou equipados para aproveitar o que de bom nos é oferecido. Uma das dimensões a conside-

rar e que mais fornece aos alunos portas para os mais diversos conhecimentos é o domínio de idiomas.

Como nos equipamos para essa bela oportunidade?

Escolas perguntam-se como ofertar ensino à preparação de crianças e jovens para que possam usufruir das maravilhas que o presente e o futuro lhes oferecem e que certamente apresentam-se já hoje além dos limites de seu espaço geográfico de residência.

A que ficam expostas nossas crianças em no mínimo 800 horas ano, distribuídas em no mínimo 200 dias letivos? No Brasil, os alunos permanecem na escola aproximadamente 15 dias (três semanas) a mais que em pa-

¹ Mestre em Educação pela UNISINOS/RS, professora e diretora geral do Instituto Superior de Educação Ivoti, RS.

² Especialista em Aprendizagem na Língua Alemã pelo Instituto Superior de Educação Ivoti, coordenadora da área de língua alemã e professora no Instituto Ivoti, RS.

³ Especialista em Didática e Cultura Alemã pela UNISINOS/RS, professor e diretor geral do Instituto Ivoti, RS.

íses europeus com excelentes resultados no PISA (*Programme for International Student Assessment*)⁴. É fundamental que as crianças consigam desenvolver habilidades que favoreçam convívio e compreensão das diferentes sociedades e suas culturas. E, para isso, é preciso reiterar a importância do domínio de línguas estrangeiras.

O Brasil, principalmente a partir da década de 1940, desconsiderou a riqueza cultural trazida por imigrantes de diversas nações que auxiliaram na formação da cultura brasileira, proibindo, por exemplo, o uso das línguas italiana e alemã em locais públicos, inclusive em escolas. O idioma oficial do Brasil (o português brasileiro) deveria sobrepor-se a todos os demais, na ideia de que essa era uma forma de manter a unidade nacional.

Hoje a maioria da população brasileira não domina o inglês, considerada a língua franca mundial, e perdeu também o domínio de idiomas de seus antepassados, sendo excluídos, em função desse “esquecimento”, muitas vezes de processos que poderiam ser fabulosos para a sua vida privada e profissional. Pode-se falar em atentado cultural. As escolas que oferecem o mínimo de horas aula e o mínimo de dias letivos, conforme legislação brasileira, não conseguem oferecer a oportunidade de aprendizagem consistente de idiomas aos seus alunos. Perpetua-se o *status quo* de uma aprendizagem insuficiente e ineficiente. O fato desrespeita as capacidades cognitivas inatas de nossos alunos, nossas crianças, nossos filhos. É preciso revolucionar o ensino a partir de uma metodologia adequada que permita às crianças construir simultaneamente o domínio da língua nacional e de outros idiomas. Nesse sentido, quanto maior a pluralidade de idiomas melhor.

2 O BOM DOMÍNIO DE IDIOMAS PARA UMA CULTURA DE ENCONTRO E DE PAZ

Há que se considerar que aprender outras línguas consiste em também se abrir para o entendimento de cultura e de valores inerentes a esses idiomas.

Está comprovado que crianças expostas a ambientes bi ou plurilíngues desenvolvem mais a capacidade de se colocarem na situação do seu interlocutor, do outro. A compreensão de que há diferenças definidas por espaços geográficos, com suas etnias e histórias, educa para a valorização das diferenças, marca de humanidade. Ao formar cidadãos equipados com essas habilidades e competências, contribuiremos para um mundo em

diálogo constante, com maior compreensão para as diferenças e, portanto, para uma tendência mais perene de ambiente pacífico.

O processo de internacionalização das instituições caminha celeremente. Valorizar o ‘local’ é de suma importância. Apresentar o ‘local’ ao ‘universal’ é de valor inestimável e necessário. Toda a tecnologia e políticas nas mais diferentes áreas conspiram a favor dessa tendência. É possível dizer que hoje o mundo pode se encontrar em um único ambiente, em uma única salinidade.

Universidades e escolas do mundo inteiro buscam cooperações internacionais para melhor equipar seus futuros egressos. Como preparamos nossos alunos durante a educação básica para um qualificado e destacado ensino superior?

O mundo não ficou menor. Conquistaram-se novas e mais rápidas maneiras de nos deslocarmos nele. Estabelecemos contato instantâneo com as regiões mais remotas. Temos que considerar que talvez nós sejamos uma cultura distante ou vivamos em um lugar remoto, e não os outros, a depender do ponto de vista de cada um. Uma discussão sobre o que é lugar remoto, na realidade atual, valeria a pena. Certamente concluiremos que o perto e o longe não são mais uma questão de distância geográfica. Trata-se de competência e de conhecimento.

Para buscar oportunidades de aprender, de pesquisar, de trabalhar e também para podermos desfrutar de merecido prazer, devemos permitir a inserção de sujeitos no mundo também por meio de excelência no domínio de outros idiomas além da nossa língua oficial: o português brasileiro. Reiteramos: uma nova metodologia de ensino precisa ser posta em prática. Não se trata de ampliação de dias letivos ou de carga horária.

O mercado de trabalho pede. Como preparamos?

Em visita à Tecnosinos, um conglomerado de empresas e de oportunidades para novos empreendimentos, fomos informados de que há em torno de 400 vagas não preenchidas por falta de candidatos com o perfil necessário. O aspecto não contemplado? Domínio de idiomas, inicialmente de inglês. Os candidatos preenchem os requisitos nas questões técnicas de sua área específica, mas não sabem comunicar seus saberes em outros idiomas, resultado de uma lastimável falha no processo formativo da maioria dos estudantes brasileiros. Isso ocorre porque o tempo destinado ao ensino de

⁴ Vide calendários letivos 2018 da Finlândia (<https://calendar.zoznam.sk/school-defi.php>) e da Alemanha (<http://www.kalenderpedia.de/kalender/schulkalender-2018-2019-rheinland-pfalz-word-vorlagen.html>).

idiomas, no horário regular de aula é insuficiente. Também não é contemplada a utilização do idioma estrangeiro para ministrar conteúdos como matemática ou ciências da natureza (o idioma aplicado) dentro das horas e dos dias letivos mínimos previstos por lei.

Hoje escolas precisam aumentar sua carga horária, forçando a permanência de crianças, por vezes muito pequenas, por mais tempo no ambiente escolar para atingirem as metas de aprendizagem de idiomas desejadas. Está comprovado que para a aprendizagem de dois ou mais idiomas não carece aumento de tempo na escola, principalmente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. É preciso uma metodologia de ensino que respeita a aptidão natural das crianças para a aprendizagem de idiomas.

Antonietta Megale (2017, p. 9) considera que na alfabetização bilíngue

se há interdependência entre as línguas, há transferências de aspectos aprendidos em uma língua para outra. Um aluno, portanto, que está aprendendo a ler e a escrever em duas línguas ao mesmo tempo, processo este que é conhecido como bilinguagem simultânea (García, 2009), se vale dos conhecimentos adquiridos em ambas as línguas para a construção da escrita.

A formação docente para esse modo de ensino também é uma carência no nosso país. No Instituto Ivoti⁵ já há habilitação adequada para esse fim: segunda licenciatura em Pedagogia - ênfase em educação bilíngue e pós-graduação em educação bilíngue.

3 A FELICIDADE CONSTRUÍDA POR MEIO DE METODOLOGIA ADEQUADA

A metodologia *Content and Language Integrated Learning* (CLIL) é amplamente difundida na comunidade europeia e visa à aquisição de línguas estrangeiras e a diversidade linguística. CLIL preconiza integração de conteúdo e de língua.

Enfatizado por Mehisto (2008), esse novo método possibilita um duplo enfoque: a aprendizagem de conteúdo e língua, sem prevalência de um sobre o outro. Dessa forma, pode-se afirmar que o método CLIL potencializa o desenvolvimento de estratégias cognitivas. Mehisto especifica ainda que essa metodologia gera condições para que a aprendizagem de conteúdos de uma determinada área do conhecimento e o nível de

proficiência linguística ocorram simultaneamente, sem comprometer a proficiência linguística na língua materna do aluno. No caso do Brasil, estamos falando da língua portuguesa brasileira.

CLIL favorece a valorização das culturas associadas à língua a ser dominada, utilizada como instrumento de ensino do conteúdo formal, sem desmerecer a cultura e a língua maternas. Isso, por sua vez, potencializa o desenvolvimento de estratégias cognitivas e sociais, essenciais a uma aprendizagem significativa e continuada ao longo da vida. Dessa forma, a cultura e a cognição surgem na metodologia CLIL como dois outros elementos estruturantes (para além de conteúdo e língua).

4 AS NEUROCIÊNCIAS E A APRENDIZAGEM DE IDIOMAS

Nas duas últimas décadas houve a multiplicação de centros de pesquisa, publicações e eventos para divulgar a correlação entre as neurociências e a educação. Essas iniciativas ampliam a compreensão dos processos envolvidos na aprendizagem humana e podem contribuir para o aperfeiçoamento do processo educacional, se as ciências da educação e as neurociências trabalharem juntas.

Neurocientistas descrevem o cérebro como um sistema dinâmico e refutam concepções que relacionam o potencial para o aprendizado como predeterminado pela genética. Inúmeros estudos já demonstraram que a interação constante com o meio é que determina como o cérebro irá se desenvolver. Assim, o desenvolvimento do cérebro e das capacidades cognitivas são indissociáveis, pois todo aprendizado altera e modifica as redes neuronais.

Grande parte da base para o aprendizado é lançada na infância, e esta etapa de vida demanda interações constantes com o mundo. As experiências da criança com a diversidade dos estímulos determinará a forma de comunicação entre as células nervosas e, por consequência, o desenvolvimento do seu cérebro. Esses estímulos a novas sinapses são essenciais e, como exemplo, citamos as línguas estrangeiras. O contato com outro idioma, mesmo que seja apenas ouvindo-o, desenvolverá em diferentes regiões do cérebro redes neurais apropriadas ao seu aprendizado posterior. Aos poucos, os padrões linguísticos desse idioma se constituem em memórias, e

⁵ O Instituto Ivoti, associado à Rede Sinodal de Educação, foi criado no âmbito das comunidades de confissão luterana do Brasil no ano de 1909. Sua função original foi a formação de professores para as comunidades carentes de ensino nos diversos recantos do Brasil. Com mais de um século de existência, o Instituto Ivoti pode orgulhar-se de seu trabalho, pelos egressos que atuam com destaque nas mais variadas áreas profissionais, mas principalmente na docência. O Instituto Ivoti oferece em seu campus atividades da educação infantil ao ensino superior.

a criança que se familiarizou com os sons de duas línguas, mais tarde apresentará um repertório mais rico de padrões sonoros comparada a outra criança que cresceu ouvindo apenas sua língua materna.

Quando na escola essa criança for confrontada com outro idioma, seu cérebro vai recorrer àquele circuito neuronal previamente construído. Como consequência, ela memorizará rapidamente novos vocábulos e terá facilidade na sua pronúncia correta. Para Friedrich e Preiss (2012, p. 3): “Todo aquele que, desde pequeno convive com duas línguas, fixa a segunda em redes tão estáveis que continuará dominando-a ainda que tenha deixado de usá-la por décadas”.

Quando o cérebro realiza conexões com algo previamente existente na memória, sente-se satisfação. Essa satisfação decorre da produção de neurotransmissores que podem estimular o aprendizado, intensificando e fortalecendo as conexões sinápticas de determinada rede neural, porque “informações revestidas de colorido emocional não apenas encontram com mais facilidade o caminho até a memória de longa duração: elas permanecem mais acessíveis, prontas a ser evocadas” (FRIEDRICH; PREISS, 2012, p. 5).

Se os processos educacionais proporcionam os estímulos intelectuais de que o cérebro precisa, as capacidades mentais da criança se desenvolvem, e ela aprende. Esse saber pode colaborar para criação de políticas e práticas educacionais mais eficazes.

5 EDUCAÇÃO BILÍNGUE NO BRASIL

O primeiro programa ensino bilíngue sistematizado deu-se no Canadá. Soares (2009), referindo-se a Grosjean, afirma que o governo desse país decretou entre 1968 e 1969 o “Ato Línguas Oficiais”, tornando o inglês e o francês línguas oficiais. Em função disso, ambas “tinham direitos iguais em todos os aspectos da administração federal” (SOARES, 2009, p. 52). Assim, “segundo Grosjean (1982, p. 218 apud SOARES, 2009), nascia, nos anos 60, o Projeto Lambert, que era monitorado por psicólogos e educadores da Universidade de McGill” (SOARES, 2009, p. 53). A partir da análise e da observação desse programa, muitos outros programas de educação bilíngue surgiram mundo afora.

Mackey (apud SOARES, 2009) afirma que o bilinguismo em sala de aula surge no Brasil apenas no século XXI, embora a história apresente inúmeros programas de ensino de línguas anteriores a essa data. Para Soares (2009, p. 56),

[...] o problema da educação em outras línguas no Brasil se apresenta diferente do resto do mundo. O Brasil tem muitas línguas além do português.

Há comunidades que preservam completamente suas línguas maternas; imigrantes, que ensinam suas línguas nas escolas; no entanto, a língua portuguesa é sempre a mais importante, por ser a oficial. O indivíduo que queira seguir uma carreira acadêmica, por exemplo, precisa ‘dominar’ o português. Para fazer concursos públicos, é preciso domínio do português.

Moura (2009) afirma que no Brasil construiu-se historicamente o mito de nosso país ser monolíngue, tanto que estudos sobre multilinguismo surgiram há apenas 10 anos na academia.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000), encontramos as primeiras orientações formais sobre a diversidade linguística do Brasil. Esses manifestam que as escolas devem explorar essa diversidade como tema transversal, mas não mencionam o ensino bilíngue. Somente apontam para a importância da valorização desse saber.

Não foi encontrado um marco para o início do ensino bilíngue nas escolas brasileiras. É, no entanto, de conhecimento comum que no Brasil não há escolas públicas bilíngues, excetuando-se as Escolas Bilíngues de Fronteira e as Escolas Indígenas. Esse ensino foi assumido por escolas privadas, e sua regulamentação ainda surge debates.

6 O QUE NOS ENSINA A HISTÓRIA?

Com o movimento da reforma eclesiástica ocorrida na Europa, no século XVI, criou-se a semente do que hoje é o sistema público de ensino da Alemanha. Para a formação de cidadãos cultos, críticos e honestos - a maior riqueza de uma cidade -, era preciso reformar as escolas que estavam abandonadas e estruturar currículos que preparassem as crianças para uma vida digna, para exercer deveres e usufruir de direitos. As línguas eram importantes para que os cidadãos pudessem ter acesso às Sagradas Escrituras e também exercer com mais eficiência as suas funções seculares.

Não conseguiremos preservar o Evangelho corretamente sem as línguas. As línguas são a bainha da espada do Espírito. São o cofre no qual se guarda essa preciosidade. [...] (Em função do desleixo com o ensino de línguas) as miseráveis pessoas quase viraram bichos; não sabem falar ou escrever corretamente nem alemão nem latim e quase perderam inclusive a razão natural (KAYSER, 2011, p. 312).

É preciso entender o contexto em que Lutero, no ano de 1524, dirigiu-se aos conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criassem e mantivessem escolas. As Sagradas Escrituras eram acessadas pelo clero

e por alguns letrados. A maioria da população não tinha acesso a sua leitura. Pode-se entender, assim, que a criação de escolas com ensino de línguas foi um movimento de libertação das amarras da ignorância em direção a um mundo mais amplo e mais bonito.

Trezentos anos mais tarde, em 1824, uma porção significativa de falantes de alemão inicia uma nova fase de existência no Brasil. Em São Leopoldo dos anos 1870, o pastor luterano Wilhelm Rotermund encontrou os colonos alemães em uma deplorável situação no tocante à educação e à cultura. Não havia professores nem escolas. O acesso a um dos valores fundamentais estabelecidos na Europa do século XVI – a escola – era quase impossível em solo brasileiro. Assim sendo,

voltou a insistir na educação e na formação de pessoas capacitadas. Verificou que os descendentes dos imigrantes já ocupavam posições de destaque na indústria e no comércio. Faltava-lhes, contudo, a formação necessária para que assumissem posições de liderança nas intendências das municipalidades, sem falar nas eleições da federação. [...] Após uma primeira geração que ainda procurava por cultura, surgiu uma geração despida de energia, limitada, incapaz de diálogo [...] que só sabe dizer “Ah-não, ou Éh-sim [...]” (DREHER, 2014, p. 166-167).

Inconformado com a realidade, Rotermund criou escolas, tratou de instituir formação de professores e fundou uma gráfica para produzir, inclusive, material didático para as comunidades tão carentes de formação e cultura à época.

140 anos depois, vemos o Brasil numa possibilidade (necessidade) de fazer uma grande mudança na sua forma de ensino e na preparação de cidadãos que o representem bem em qualquer parte do mundo. Temos que formar um povo que marque presença significativa nos conselhos nacionais e também nos conselhos internacionais. Temos que ter indústria e comércio fortalecidos por cidadãos bem formados, pesquisadores e capazes de dialogar com o mundo inteiro.

Há 500 anos, há 300 anos, há 140 anos!

E os próximos 70 anos?

Que cidadãos formamos em nossas escolas em 800 horas anuais e em, no mínimo, 200 dias letivos?

A nossa Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 ainda traz resquícios de uma preservação da unidade nacional por meio do ensino exclusivo da língua portuguesa brasileira nas escolas. Isso remonta ao período de proibição de idiomas estrangeiros (italiano, polonês, alemão) em nossas escolas. Houve uma perda cultural irreparável em ferramentas de inserção num contexto internacional. Sabemos que, para

estarmos inseridos nas discussões mundiais, temos que mudar essa mentalidade. As nossas ações precisam repercutir em favor de um mundo melhor para muito além das nossas fronteiras nacionais.

Os resultados de pesquisa em pedagogia e neurociências das últimas duas décadas nos dão evidências de que é possível fazer escola de excelência, que dê suporte à formação de crianças e de jovens capazes de representar a nação brasileira de maneira qualificada, com domínio de idiomas diversos, principalmente do nosso idioma oficial brasileiro.

Empiricamente, os resultados de vivências em famílias bilíngues do nosso país comprovam o que nos trazem as ciências. Não haverá prejuízo para a excelência no domínio do idioma oficial brasileiro pelo fato de uma criança falar outro idioma no âmbito de sua família ou mesmo na escola. A história de muitos descendentes de grupos imigrantes no Brasil fundamenta esse fato.

Uma escola consciente dessa necessidade pode estruturar-se em 800 horas e 200 dias letivos para ensinar um idioma, significativo para sua realidade, além do português brasileiro, e formar cidadãos que brilhem pelo Brasil em todo o mundo.

Precisamos de escolas que realcem o brilho, a capacidade de aprender que cada criança traz consigo de forma inata e que permitam voos maravilhosos a esses pequenos e, em breve, grandes cidadãos.

Uma escola que, atenta para esses aspectos, educa e respeita crianças, jovens e adultos que fazem uma nação com visão de futuro e responsabilidade no presente, capaz de aprender continuamente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que normas precisam ser estabelecidas com base em leis. Leis, por sua vez precisam ser revisadas, pois o contexto e as verdades são sempre mutáveis. Para fomentar melhorias no convívio e, no nosso caso, promover uma educação com mais qualidade, é preciso, por vezes, mudar a lei ou a sua compreensão.

É impossível conceber avanços sem mudanças.

Entendemos que às escolas deve ser dada uma possibilidade de inovação metodológica fundamentada em resultados de pesquisas atuais no ensino de idiomas. A aprendizagem precoce, sabe-se, deve prevalecer sobre o início dos estudos de um idioma na pré-adolescência. Os resultados vêm mais rápido, e as crianças, orientadas com uma metodologia adequada, estruturam naturalmente seus saberes em dois ou mais idiomas.

Deve-se, dada essa liberdade responsável às escolas, salvaguardar a adequada aprendizagem da língua oficial brasileira.

Creemos ser essa reflexão um contributo para pensar ensino e funcionamento de escolas bilíngues e internacionais no nosso amado país, o Brasil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural, orientação sexual**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

DREHER, Martin. **Wilhelm Rotermund: seu tempo, suas obras**. São Leopoldo, Oikos, 2014.

FRIEDRICH, Gerhard; PREISS, Gerhard. **A ciência do aprendizado**. Coleção Mente e Cérebro: como o cérebro interpreta do mundo: v. 2: aprendizagem, São Paulo, p. 42-49, 2012.

KAYSER, Ilson Ed. **Martin Lutero: obras selecionadas**. V. 5. São Leopoldo: Sinodal; Concórdia, 2011.

MEGALE, Antonieta. **Do Biletramento aos Pluriletramentos: alguns avanços conceituais na compreensão dos processos de sistematização da leitura e da escrita por crianças mul-**

ti/bilíngues. *Revista Intercâmbio*, São Paulo, v. 35, p. 1-17, 2017. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/intercambio/article/view/35645/24438>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

MEHISTO, Peter. CLIL Counterweights: Recognising and Decreasing Disjuncture. *International CLIL Research Journal*, v. 1, n. 1, p. 93-119, 2008. Disponível em: <<http://www.icrj.eu/11/article8.html>>. Acesso em: 01 out. 2017.

MOURA, Selma de Assis. **Com quantas Línguas se faz um país? Concepções e práticas de ensino em uma sala de aula na educação bilíngue**. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-06062009-162434/publico/moura2009.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2018

SOARES, Isabelle Mayal. **Educação bilíngue e ensino de língua estrangeira: estudo de caso**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife. Disponível em: <http://www.unicap.br/tede/tde_arquivos/2/TDE-2010-05-10T210122Z-284/Publico/dissertaca_isabelle_mayal.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2018.